

Entrevista

Alejandro Dujovne entre a invenção de uma ‘cultura judaica’ e as políticas públicas para o livro na Argentina contemporânea

Nathanael Araujo¹

Walmir de Faria Júnior²

Pesquisador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet)³ e diretor do mestrado em sociologia e análise cultural do Instituto de Altos Estudios Sociales (Idaes) da Universidad Nacional de San Martín (Unsam), o sociólogo Miguel Alejandro Dujovne tem investigado a história social da formação da comunidade judaica na Argentina bem como o mundo editorial platense. Também vem atuando no debate público sobre as políticas culturais relativas à edição, à tradução e à literatura na Argentina. Seu livro *Una historia del libro judío: La cultura judía argentina a través de sus editores, librerías, traductores, imprentas y bibliotecas* (Siglo XXI, 2014) recebeu, em 2018, menção honrosa no Régimen de Premios Nacionales en Ciencias y Letras (produção 2014-2017) na categoria ensaio histórico. A conversa a seguir⁴ integra um projeto em curso de mapeamento de cientistas sociais dedicados à cultura escrita e ao mundo impresso⁵. Ela ocorreu em novembro de 2018 no III Colóquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición (Caele), realizado na Universidad Metropolitana para la Educación y el Trabajo (Umet), e teve como premissa manter a urgência dos acontecimentos políticos e sociais pelos quais brasileiros e argentinos se encontravam àquela época e, porque não dizer, cruciais para a melhor compreensão dos acontecimentos arrolados desde então.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e graduado em licenciatura em ciências sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisador do Núcleo de Direito e Democracia (NDD) do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap). E-mail: araujo.nathanael@gmail.com

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). É mestre pelo mesmo programa e tem graduação em ciências sociais pela UFPR. E-mail: walmir.braga.faria@gmail.com

³ Fundado em 1958, o Conicet está vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação Produtiva da Argentina.

⁴ Agradecemos à escritora e tradutora Ana Rapha Nunes pela revisão da tradução do espanhol para o português.

⁵ Ver Araújo e Sorá (2019) e Araujo e da Costa (2019).

Alejandro Dujovne: Deixe que eu comece. Você estudou o quê?

Nathanael Araujo: Minha pesquisa anterior foi sobre editoras que tinham surgido no Brasil voltadas exclusivamente para publicar *livros de literatura LGBT*⁶. Queria entender como havia surgido esse movimento e o que significava atrelar aos livros e a uma editora orientação sexual e identidade de gênero. Considerei ser interessante ter esse aspecto como *marca* de diferenciação entre outras empresas editoriais. E foi bem bacana. Eram pequenas editoras que existiam, sobretudo no Rio de Janeiro, em São Paulo, Brasília e Porto Alegre. Só que elas foram fechando por desistência devido à falta de retorno econômico. E aí eu terminei o mestrado e tive que construir outra pesquisa, a minha atual. De um lado, comecei a olhar para o fechamento de editoras e livrarias como a Cosac Naify, na época, e agora, por exemplo, Saraiva e Cultura. De outro, comecei a ver muitos eventos de “feiras de arte impressa, publicação independente e de experimentações gráficas”.

AD: O Brasil tem uma tradição gráfica distinta da Argentina...

NA: E eu acho que esse movimento que me debruço atualmente está apostando muito na relação do livro como objeto. O que eles me dizem é: “Se você quiser ler um conteúdo, você leia no computador! O livro precisa ser mais do que um suporte de conhecimento, ele precisa ter conteúdos que não podem ser substituídos. Tipo de papel, costura, dobras”. E ele então faz parte da narrativa do livro.

AD: Algo como a editora da Cecília Arbolave?

NA: Sim, a Cecília é uma querida, é uma das minhas interlocutoras de pesquisa. E eu, inclusive, volto no sábado porque vou participar da Feira Míolos, que ela organiza junto com o João Varela e a Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo. A Cecília foi uma das primeiras a me receber.

AD: É muito bom o trabalho dela.

NA: Muito! Inclusive, surgiu agora uma curiosidade minha. Cecília e João criaram um espaço chamado Sala Tatuí, que é uma “livraria com hora marcada”. E ela me disse que isso veio daqui, da Argentina.

⁶ Ver Silva (2016), Araujo (2018).

AD: E como seria?

NA: Seria uma livraria em que você marca um horário.

AD: Visitas? A casa está aberta ao público?

NA: Não sempre, só quando agendado.

AD: Isso está se convertendo em um circuito para as nossas editoras muito importante, o fato de colocarem as livrarias-casa.

NA: E é recente ou tem muito tempo isso aqui?

AD: As primeiras fazem quatro anos. Começou com uma antiga editora que tinha muitos livros e conseguiam consultar agendando; dali a pouco virou um bom negócio que passou a se multiplicar. Abriu com duas casas e hoje há muitas mais.

NA: Por que no Brasil eu acho que [a Cecília e o João, com a Sala Tatui] de fato é a primeira [iniciativa] de maior visibilidade. E me parece algo interessante porque é transformar uma forma de atuação. Uma das minhas grandes dificuldades quando eu comecei a pesquisar mercado editorial contemporâneo era o fato de que muitas empresas eram *home office*, elas funcionam em casa. Portanto, não havia um lugar físico para que se pudesse abrir e enveredar pelos arquivos porque eles estavam no próprio computador pessoal dos editores. Agora o que eu estou vendo, a partir dessa iniciativa da Cecília, é a abertura do escritório da editora como um espaço livreiro em alguns momentos, com lançamentos de livros e sua venda junto ao de outras empresas. E soma-se a isso o oferecimento de cursos, oficinas, palestras; atividades múltiplas necessárias para pagar o lugar também, que passa a abrigar ainda o estoque.

AD: Na Argentina, em 2006, saiu uma nota sobre o tema. Eu não me recordo em que jornal. Foi um pequeno artigo sobre as livrarias-casa. Talvez no *Diário da Nação*. Eu tenho um site chamado *Campo Editorial* no qual repasso informações sobre a edição.

NA: Olha, isso é incrível. Como essas livrarias vão conformando espaços de trocas e de sociabilidades, de convivência. O que potencializa meu trabalho de entender como as pessoas se constroem ao construir os objetos, livros.

AD: Sim, excelente. Bom, eu cursei a graduação em ciência política, em Córdoba, licenciatura. Eu não me sentia confortável com a análise politológica, mas sim com a dimensão política. Portanto, menos com a estratégia analítica da ciência política, que me parecia muito distante da realidade. Fui ao outro extremo e fiz mestrado em antropologia na Universidad Nacional de Córdoba. Estudei com Gustavo Sorá.

NA: Ele foi seu orientador?

AD: Sim, temos um bom vínculo. Fiquei no Brasil, em Brasília, durante um ano e meio. Comecei a trabalhar com ele em um grupo sobre cultura e política, [um] grupo grande. E depois começou uma especialização, começamos a dividir funções e eu fiquei com a parte de cultura. Nesse momento não tinha claro que trabalharia com livros, que estudaria os judeus. Eu estava estudando a história do Partido Socialista em Córdoba, na licenciatura. No mestrado, eu estudei os judeus de esquerda, como eles combinavam cultura, política, religião. Por influência de Gustavo, [e] por interesse meu também, estava investigando esses nexos. No doutorado, começou a me interessar mais a palavra escrita, a palavra impressa, publicação em periódicos e o livro, a sua importância. Nesse grupo de esquerda, em Córdoba, havia uma biblioteca muito grande, que eu conto na introdução do livro. É uma história muito comprida, muito complexa. Estou sintetizando. Perde-se a complexidade desse relato.

NA: Mais uma *ilusão biográfica*, do [Pierre] Bourdieu⁷?

AD: Exatamente. Os livros me interessavam como objeto, mas também [como] um lugar para ver outras coisas, um objeto para entender processos mais gerais. E aí pude desenvolver essa perspectiva com o Gustavo, um orientador que sabe sociologia e antropologia. Nós nos conectamos muito quanto ao tema da investigação.

[Após sermos brevemente interrompidos para que Alejandro pudesse deliberar sobre atividades relativas ao Caele.]

NA: Eu ia perguntar se a escolha do colóquio foi por que algum de vocês trabalha aqui.

⁷ Bourdieu (2006[1986]).

AD: Não, foi porque os editores, o editor do editorial de *Outubro* – assim se chama esse editorial –, a gente se conhece faz muitos anos e eu estava buscando lugares possíveis para o evento, lugares próximos aos hotéis, com galerias, cafés. A outra opção seria sair da cidade, de trem uns 40min...

NA: Essa é a terceira edição. Vendo as duas edições anteriores, me pareceu que houve algum acordo para que cada edição ocorresse em algum lugar da Argentina: teve La Plata, Córdoba e agora Buenos Aires. Foi intencional ou não?

AD: Sim, não que seja algo planejado desde o começo, mas diria que é algo que gostaríamos que circulasse envolvendo várias organizações; tem que circular sua equipe, as pessoas responsáveis. Vamos ver o próximo, talvez seja em La Plata ou não. Estamos pensando na possibilidade do próximo, o quarto Caele também comungar o primeiro latino-americano. Quando tivermos o segundo latino-americano pode ser em outro país, tirá-lo de Argentina.

NA: Mas começou localmente. E esse movimento me interessa entender. Como reunir pesquisadores das ciências sociais em torno do livro. Como começou aqui na Argentina?

AD: Não começou na Argentina. No Brasil também havia, na Colômbia também havia. Porém, a diferença entre os países, a única singularidade, é que na Argentina houve um projeto comum de grupo de trabalho: eu, Ana Wortman, Gustavo Sorá, Horacio Tarcus, José Luis de Diego, Leandro de Sagastizábal, Margarita Pierini. Um grupo de gente que acabou conseguindo converter suas pesquisas para um projeto comum.

NA: Me parece que há uma diferença, e aí eu estou comparando ao Brasil. Lá, a área dos estudos sobre edição e livro não está nas ciências sociais, está muito mais com a História, com a comunicação, do que com a sociologia ou com a antropologia.

AD: Aqui é muito com a História. Talvez eu diga que esse Colóquio acelerou a construção de um campo, como se nós tivéssemos mais legitimidade. O Colóquio acelerou isso. Temas possíveis de investigação para muitos. Porque há interlocutores, grupos de estudos, livros. Criou-se um campo. O Colóquio acelerou isso, deu estatuto de um tema legítimo.

NA: Talvez seja uma impressão minha. Quando eu olho para ele eu vejo muitos sociólogos. Ao passo que no Brasil, parece que eles [os sociólogos] estão mais dedicados à literatura, não ao livro propriamente dito. Eu nem vou mencionar a antropologia porque existem muitos poucos antropólogos pesquisando o mercado editorial no Brasil hoje, e de hoje. Um deles voltou para casa, que foi o Gustavo⁸. Isso me chama atenção, porque no Brasil houve uma época em que havia um encontro entre os pesquisadores do estudo do livro orientado pelo Aníbal Bragança, e que depois se tornou, se não me engano, o Grupo de Pesquisa de Produção Editorial da Intercom⁹, no interior de congressos brasileiros de ciências da comunicação, localizado. E aqui me parece que tem um movimento que não é igual, um movimento contemporâneo que tem atributos caros à antropologia, à sociologia e à história social do livro e da edição.

AD: É ótimo que estejamos mapeando os percursos.

NA: Estava querendo retomar um pouco sua narrativa sobre o doutorado, em que você e o Gustavo fizeram uma parceria. E me parece que quando ele volta, ele volta naquele trabalho sobre a Feira do livro de Frankfurt e traduções de livros brasileiros na Argentina. Me parece que essa é uma deixa em que ele faz um certo retorno depois de ter pesquisado bienais internacionais no Rio e em São Paulo, e o trabalho sobre José Olympio.

AD: Sim, você quer dizer que o Gustavo amplia seu espectro, se internacionaliza?

NA: Que ele vai construindo uma ponte que faz com que volte pra Argentina olhando o circuito literário e circulação de ideias...

AD: Sim, claro. Gustavo nunca foi, há aí algo da experiência biográfica e da trajetória de Gustavo e que ele me ensinou, por que algo em suas investigações responde à sua internacionalização. Sua capacidade de pensar certos objetos tinha a ver com seus movimentos, seus interesses. Quando estive na Argentina, ele esteve na Argentina, porém nunca se argentinizou. Digo que não lhe tocam os temas argentinos, nunca lhe interessaram. O interessavam mais problemas da ordem internacional ou transnacional.

⁸ Sobre o assunto é possível ler em Araújo e Sorá (2019).

⁹ Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Sugerimos a leitura de Bragança (2002).

NA: E você acha que isso te influenciou em quê? Porque a imigração judaica para a Argentina se trata de uma questão que você consegue colocar num plano transnacional.

AD: Sim, havia uma afinidade eletiva entre os nossos interesses. Sou muito amigo de Gustavo. A princípio era meu orientador, mas sempre com muito diálogo. Tive muita disposição para entender seus interesses, os seus interesses me entusiasmavam, o que me propunha. Acho que fiquei muito entusiasmado com a perspectiva de Gustavo. Havia algo em mim que seguia essa linha. Eu fiquei muito entusiasmado com a observação ampla, essa circulação internacional, situação de fronteira.

NA: Essa relação entre cultura e política, eu imagino, porque você fez ciência política também.

AD: Absolutamente. Ainda que inicialmente me interessasse a política, comecei a me interessar pela perspectiva de Gustavo... Fui pensando a política e vieram outras fontes. A política começou a significar outra coisa para mim. Já não penso a política no sentido mais restrito, no sentido mais clássico. As políticas de Estado, certos bens culturais na configuração nacional, na cultura nacional... E pensar a política ajudando a cultura, mais contemporânea. Políticas públicas, no caso do livro.

NA: E aí você foi delimitando o seu doutorado no diálogo que você começou a estabelecer com ele.

AD: Gustavo, creio, tinha um grupo muito bom de estudos, com discussões muito boas. Aprendi muito nesse grupo. E pude acessar uma bibliografia que não acessava. Gustavo trouxe uma leitura diferente de Bourdieu, algo que não se encontrava na Argentina, ele vem de uma matriz bourdieusiana da França. Isso e uma série de autores que estão ligados a esse grupo. Pude pensar muito com a antropologia e a sociologia, clássicas e contemporâneas, na chave do problema cultural do livro. E autores que não circulavam, Gustavo os reuniu em um programa de leituras: Pascale Casanova, Benedict Anderson, Pierre Bourdieu, [Roger] Chartier. Depois li outras coisas, mas esses me formaram, foram referências para pensar. Gustavo me afetou de um lugar muito mais inconsciente, e me entusiasmou. O Gustavo é uma pessoa muito entusiasta. Eu vinha de uma família em que os livros tinham um sentido desde que eu era pequeno – eu sempre fui um leitor, li muita

literatura – e, por outro lado, certa classe de literatura, a literatura social e humana. O Gustavo foi por esse lado. E, para mim, foi muito agradável.

NA: Pensando nessa relação, me veio agora uma questão. Uma das questões mais imediatas quando alguém acessa o seu livro é pensar, talvez porque não seja um “público corriqueiro”: por que os judeus?

AD: Há aí duas coisas.

NA: Foi só no doutorado?

AD: Já no mestrado, com um grupo de esquerda judia. Essa discussão começou em minha dissertação. Há aí uma pergunta mais geral, algo mais filosófico que não me interessava pesquisar, apenas ler. Uma pergunta mais clássica da antropologia, mas não de outros campos. Para mim foi fundamental. Houve um livro de história muito bom e que me abriu a cabeça, que me permitiu pensar. Uma crítica séria e inteligente. E depois disso, [Viktor] Karády, um sociólogo húngaro. Na invasão soviética ele migrou para a França e trabalhou com Bourdieu muitos anos. Ele foi um grande sociólogo. Ele tinha um livro que se chama *The Jews of Europe in the modern era (Os judeus na modernidade europeia)* [de 1999]. A ele interessavam os intelectuais judeus. Um livro incrível, para pensar... Esses dois autores me habilitaram a pensar meu objeto. Não que não houvesse pensado antes, mas não havia pensado tão bem.

NA: Isso foi no mestrado?

AD: Sim, no mestrado. Esses autores me ajudaram a pensar o meu objeto.

NA: Você está fazendo uma crítica, em alguma medida, à maioria dos estudos feitos acerca do judaísmo, em que os judeus são vistos de uma forma comunitária?

AD: Há duas coisas. Às vezes na academia, às vezes fora [dela]. Dentro e fora da academia há um discurso de uma autonarração. Para mim não interessa muito essa agenda mais

hegemônica. Para mim, a cultura me permite pensar a política de outro lugar. Não a política em um sentido estrito. Pensar a política e outras coisas a partir do livro, da cultura...

NA: Nesse caso, duas perguntas me vieram. Você teve dificuldade ao apresentar seu projeto e não ser cobrado por não seguir por esse caminho hegemônico?

AD: Isso não é uma pergunta.

NA: Você pode até não ter se sentido, mas se sentiu depois...

AD: Me senti depois. Na época, sinceramente, não me preocupou. Eu me preocupava em como terminar a tese. Eu não encontrava interlocutores que se interessassem por isso. Na hierarquia social dos temas, a política tem mais utilidade. A cultura não parece tão digna de ser investigada, a princípio não me parecia. Investiguei a temática judia porque no meio acadêmico argentino não havia muitas investigações sobre isso. Eu e um amigo trabalhamos sobre isso, e depois institucionalizamos isso em livros. Nós tínhamos um grupo de estudos sobre o livro e a edição. Nesse sentido, Gustavo foi um incentivador desse tema para mim.

NA: Agora, daí para o ponto do mercado editorial, como você conseguiu ir costurando e construindo essa ideia de uma “cultura judia”? Eu pergunto isso por que estou pensando historicamente também. Depois de trabalhos como os de Stuart Hall¹⁰ e vários outros que foram discutindo e interpelando as dinâmicas da identidade, como você conseguiu chegar a esse aspecto de “não estou discutindo judaísmo e política, estou discutindo a produção de uma cultura judaica”?

AD: Como cheguei a pensar isso?

NA: Sim, porque pensar a construção de uma “cultura judaica” e todas as suas tramas parece ser muito mais complexo e, ao mesmo tempo, flexível intelectualmente do que “judeus e política”.

AD: A ciência política tem uma disposição para isso. Eu leio, estudo, mas tinha trabalhos muito específicos. Mas não tinha por que eu estudar dessa forma. Sem o sistema não se

¹⁰ Como em Hall (1980, 1997).

explica nada. O valor disso não se define *a priori*, o valor se relaciona... Eu tenho essa ideia muito incorporada. É uma atitude antropológica. Eu creio que eu não me sinto um militante da comunidade, isso faz parte da reflexão.

NA: Quando você diz que não é militante, é no sentido, talvez, de um sentido mais “clássico” que se entende o que é militar em torno da discussão judaica? Porque me parece que não só o livro, mas também todos os debates têm a questão do intelectual que intervém na arena política. Talvez seja um desdobramento do trabalho que não foi pensado *a priori*, que é esse aspecto político que talvez seja o que você estava mencionando antes, de uma agenda muito ativista, militante. Por que me parece que aqui tem militância sua, uma militância refletida, analisada, demorada.

AD: Sim. O tema me parece alimentar discussões que me interessam. Penso um tema e faço o esforço máximo para pensá-lo forte. Não sei se tenho militância ou não. Mas construir uma arquitetura teórica que me permita tomar todas as distâncias possíveis para pensá-lo, pode se pensar uma militância, mas minha militância é propor um tema, e depois minha participação no espaço público com certeza me permitiu abrir uma discussão. O livro tem duas leituras possíveis ou mais – pelo menos duas que me interessavam. Uma leitura para um público que não tem nenhuma formação teórica, social e humana, uma leitura que diria que estava contando uma história, uma leitura linear. Mas a que mais me interessava era a leitura além do tema, que muitas vezes não se interessava pelos judeus, mas como se pode investigar um objeto, a relação entre livros e como se lê, como se disputa uma cultura no lugar da palavra impressa, como um pequeno evento na trajetória de um editor está condicionado por estruturas mais gerais. Então, o livro tem essa arquitetura, que pode ser imperceptível para quem não se interessa. Eu fico muito contente quando jornalistas de Buenos Aires começaram a ler meu livro e se interessaram por ele. Um intelectual daqui, García, disse na semana que saiu o livro que esse livro vai além dos judeus. Não me interessam os judeus, mas a metodologia de investigação. O livro funciona nesse sentido, pode ser pensado em suas disputas, tem seu marco nacional, tem... Não me interessa... Me interessa como armar uma metodologia de investigação. O próprio livro funciona nesse sentido. E essa metodologia.

NA: E podemos dizer que essa sua metodologia está vinculada com aquelas suas primeiras leituras básicas, porque sua apreensão é muito bourdiesiana também.

AD: Muito, muito. Tem a ver também com uma coisa também: com um fundo na ciência política. Não perder de vista que esta não se interessa pelos indivíduos, e os significados sociais e culturais não são muito relevantes para a ciência política, mas a mim sim. Mas a mim interessavam também as estruturas e as determinações, institucionalizadas ou não. Estrutura da lógica do poder ou Estado, não importa, grandes estruturas que organizam a sociedade. Não perder de vista isso. Há uma lógica que tem um sentido...

NA: Agora, tem uma coisa que você mencionou, de como pensar metodologicamente as pesquisas. Eu pensei no que o Jacques Ravel fala: *os jogos de escala*¹¹. Você vai do maior para o menor e depois você retorna.

AD: Sim.

NA: Me pareceu... Essa mesma estrutura mencionada por você, de temas e questões amplas que vão se armando também pela estrutura da escrita, e é isso que queria perguntar. A mim pareceu que você começa muito localizado e depois vai ampliando, inclusive como escritor. Assim como você diz que o objeto foi apreendido em várias escalas e dimensões, a escrita do livro também tem me parecido com muitas escalas, em que você começa do particular, em que envolve o leitor com o seu achado de um livro e aquela conversa, e quando se abre e efetivamente você entra e mergulha e vai se expandindo. Me parece que você busca enfatizar que esse processo não foi construído de forma consciente. A minha percepção faz sentido?

AD: Sim, totalmente. No momento descobri, compreendi a importância de fazer uma boa pergunta. Essa é uma boa pergunta e não somente uma boa pergunta analítica, é uma pergunta humana, dramática. Porque eu sinto assim. Algo analítico não é suficiente, [é preciso] que a pergunta seja importante, que eu possa construir algo discutindo essa pergunta. Então essa primeira parte, essa história pessoal, levando o leitor a um lugar, está posta a serviço dessa pergunta, que é uma pergunta que o envolve, que seja mais sensível e real. Que lugar tem o livro nesse universo cultural de sentido? O que passava com essa cultura? Essas perguntas me pareceram muito bem pensadas.

¹¹ Revel (1998).

NA: Sim. Porque inclusive eu acho que essa estrutura narrativa, ela funciona tanto como uma proposta metodológica para aqueles que pesquisam sobre o universo letrado, mas ela também funciona como uma forma de enredar as pessoas na narrativa e continuar, porque ela parte do pessoal para o mais amplo.

AD: Sim, totalmente.

NA: Mais amplo. É interessante por que nos prende, e então nós queremos saber aonde vai aquele narrador. Mas me parece que aquele narrador se perde, ou seja, não é mais o Alejandro.

AD: Bem, há um tema aí, que a mim naturalmente interessa mais pensar a estrutura, pensar questões mais gerais. Para mim, é um esforço deliberado e necessário. Levar a um plano humano, que a estrutura tenha sentido, que crie uma empatia. Não quero um livro meramente informativo, que tenha uma importância de grupo. Não ir por aí demanda um trabalho enorme do autor. Também havia uma direção muito clara de que espécie de livro queria. Discutíamos que livro queríamos. Isso me facilitou bastante.

NA: E quanto tempo você levou nessa pesquisa do doutorado?

AD: Quatro anos. Bem, era uma continuação do mestrado.

NA: E o livro também, não é? Ele acaba sendo antes e depois. Por que ele já não é a tese. Então ele é uma versão trabalhada.

AD: Sim, uma versão trabalhada. Apresentei ao editorial, discutíamos o que tinha que cortar. É muito difícil ter que cortar uma frase, mas, às vezes, é preciso sacrificar. Às vezes, está demais isso. Então tem que tomar distância do livro, deixar um mês e ler de novo, ver o que está demais. Deu muito trabalho, mais por essa distância do que pela escritura do livro. Acaba ficando uma síntese, o essencial do texto. É preciso identificar as informações que, ao leitor, não vão servir para nada.

NA: Duas perguntas pontuais me deixaram curioso. Ao pensar a migração dos judeus, como você foi se aproximando da circunscrição e enquadramento? Comecei a ler

muito sobre o Brasil e a dimensão judaica no período que inicia a partir do pós-guerra e sua influência na circulação de uma série de publicações produzidas em bairros tradicionalmente popularizados pelos judeus no período entre guerras.

AD: Em ascensão?

NA: Em ascensão social, se pensássemos entre Bom Retiro para Higienópolis. E aí como veio essa dimensão, [de] que eu não tinha conhecimento, de que a Argentina está recebendo um quantitativo muito maior [se] comparada a outros países da América. Como você conseguiu chegar a esse movimento? Que é uma boa explicação metodológica, se a gente for pensar a relevância social de pesquisar...

AD: Agora, eu sabia desse movimento em muitos anos na Argentina, em Buenos Aires em particular. Eu não sei o número porque não é muito preciso, mas talvez não haja muita sobra para a representação estatística, assim como há áreas sociais e culturais em que não há muita presença. Por que isso? No mundo da cultura, no mundo da ciência, há uma representação. Então, há muitas pesquisas em Buenos Aires sim, mas, se prioriza algo para se investigar um livro, creio que não. Há uma grande quantidade de tradutores, de intelectuais, de editores, mas chega ao livro, há uma representação, isso justifica em parte a relevância da justificativa analítica.

NA: E eles constituíram comunidades e depois foram ampliando ou já veio ampliada e começou disperso geograficamente? Como se deu?

AD: Em Buenos Aires há um processo de concentração. Foram colônias agrícolas, houve ondas, movimentos migratórios desde as colônias para Buenos Aires, que chegavam da Polônia, Lituânia, Rússia.

NA: E as especificidades em termos de contribuição judaica para o universo letrado, o que você diz?

AD: Sim, há várias. Em que momento? Eu penso que há dois momentos importantes. [Em] um primeiro momento, há gente muito jovem entre os imigrantes ou crianças, filhos de imigrantes, que chegam ou que nascem no país e que vão à universidade pública. Porém, o impacto forte no meio cultural ocorre entre os [anos] 1940-1950, na renovação – isso na

explicação sociológica. Eles estavam fora do centro, marginalizados, com alto capital cultural e pouca força política – isso é uma análise crítica. A sociedade se organizava por eles, que tinham muito capital cultural. Aí [fiz] a minha primeira crítica, espontânea e natural, que me permitiu uma reflexão. Antes, tivemos revistas literárias de uma organização em partidos de esquerda, uma literatura, cultura de esquerda, fizeram muita coisa. E a renovação da esquerda tradicional, toda uma organização cultural impregna Buenos Aires, a cultura portenha está impregnada por isso na cidade, e aí tem muita força em outras áreas. E muitas cooperativas, muita presença de uma tradição trazida da Europa, todo um movimento cooperativista.

NA: Uma forma de organização do trabalho...

AD: Exato. Agricultores, produtores de cooperativas e bancos das cooperativas agropecuárias.

NA: E na feitura do livro, também houve um impacto?

AD: No mundo editorial sim, com certeza. Aí nós temos toda uma impressão, muitas editoras, que trouxeram uma tradição que vinha de um lugar onde a cultura letrada tinha sentido.

NA: É porque tem uma coisa do Pedro Herz, o dono da Livraria Cultura, uma rede muito grande de livrarias do Brasil. E ele lançou recentemente um livro autobiográfico. Ele relata que a livraria começou a partir da biblioteca da mãe dele, que era a Eva Herz, e ela começou a alugar os livros, e nisso de alugar para a comunidade judaica é que começou depois em uma livraria.

AD: Bom, com suas variantes, isso ocorria em muitos casos, essa tradição letrada da família, depois influi em um que vende livros e segue assim. Isso está muito presente em [José] Mindlin, [Carlo] Ginzburg, em pessoas como [Luiz] Schwarcz, da Companhia das Letras, em figuras fortes do Brasil. No México, livrarias muito importantes, livrarias grandes de famílias judias. Na Colômbia elas são muito importantes, todo movimento também no Chile, como... Então com certeza há uma presença maior. Na Feira de Frankfurt se escolhiam datas diferentes das grandes festividades judias porque senão muitos editores não iam à Feira. A presença desses editores judeus era muito importante. Então, lugares onde há judeus, entre outras coisas, há uma valorização do mundo das letras. Na Argentina existem figuras muito relevantes, muito emblemáticas como o poeta

e escritor Marcelo Cohen. Figuras muito emblemáticas da literatura e da cultura nacional que têm origem judia, mas podem escrever ou não sobre temas judaicos, isso é secundário.

NA: Mas a pertença...

AD: Há uma influência, uma tradição, um lugar social que vai mudando com o tempo. Mas é uma posição social a respeito dos poderes, na sua formação individual, na sua sociabilidade, nos seus vínculos, na sua sensibilidade, estão muito em sua circulação pelo mundo. É curioso como isso funciona, tendo parentes dos dois lados, o que dá uma abertura em como pensar a nação, mas também descentralizar da nação. Há contradições, o cristianismo em todas as suas versões, em um país... Sou ou não sou? Estou perto ou longe disso? Sobre tudo isso gira um elemento comum de vias próprias em todo mundo e com alta imersão na cultura letrada, na atividade letrada, na educação, que alguns podem fazer o livro, ir à matemática, as ciências, não importa... Não é nada novo, o ensino religioso seria algo ligado, mas por questões religiosas historicamente, pois se secularizou isso. A valorização da educação é muito importante. Os judeus têm dinheiro, isso é consequência, outra coisa. Tudo gira na educação. A educação é um modo de racionalizar, um modo de ver o mundo, de questionar. Isso tem a ver com práticas religiosas. No judaísmo não há um Papa, não há uma interpretação oficial dos textos, o que há são perguntas sobre os textos. Não é uma religião análoga ao catolicismo, é outra dinâmica, outra configuração, onde a autonomia na interpretação dos textos é mais importante que a interpretação fechada do catecismo. Isso marca uma diferença no exercício do estudo, um pouco caricaturizando. É possível dizer que há uma espécie de secularização de uma prática de reflexão judia em Marx. A família de Marx, que tinha rabinos por todos os lados, era atravessada por isso.

NA: Qual ou quais foram as dificuldades ao longo dessa pesquisa em torno do mundo impresso, uma sociologia da edição com técnicas que envolvem antropologia, ciência política e história?

AD: Dificuldades assim não tive. Na verdade, havia muito mais empiria do que qualquer outra coisa, por que eu parti sem prejuízos, eu queria investigar algo e fui chegando a objetos e objetos. Eu tinha uma ideia geral, essa ideia foi tomando forma e eu queria trabalhar o material empírico para pensar o que queria pensar e ver “como funciona

isso?”. O primeiro objetivo era esse. Bem, o principal problema foi o levantamento de base de dados, foi muito prático o problema.

NA: Por ausência de registros? Por estarem muito espalhados por vários espaços? Pela delimitação também do que seria um conjunto já suficiente para dar conta dessas suas perguntas?

AD: Eu aproveitei coisas que já estavam esquematizadas e isso acelerou muito o meu trabalho. Mas, por outro lado, tive que fazer um trabalho muito, muito artesanal, porque havia artigos, dados que não estavam sistematizados como eu queria, fontes aqui, fontes lá. E também havia um problema bibliográfico. Eu mencionei os autores mais importantes, mas para cada ponto em particular havia o *paper* daquele autor e outro texto em inglês, precisava de uma fotocópia dos Estados Unidos, precisava de um *paper*. Então basicamente te diria [que] os problemas foram menos teóricos que de factibilidade. Porém, o livro poderia se ampliar em muitos sentidos, cada capítulo abriria um problema. Mas eu creio que pude me encontrar, sustentar com alguma boa informação empírica, com alguma boa pergunta. Cada capítulo sustenta e isso me basta. E isso pode ampliar ou discutir, e modificar, já disse que não tenho problemas. Mas sem dúvida, eu ia me dizendo “te conforma”.

NA: Quando você defendeu a tese?

AD: 2010.

NA: Quatro anos após a tese foi publicado o livro, em 2014. E depois disso? Para onde as suas indagações ou as suas angústias de pesquisador foram te levando até agora [2018]?

AD: Bem, eu escrevi algo mais sobre judeus, mas o tema me chamava menos atenção e senti que não se esgota um tema. Um dia o Gustavo [Sorá] apareceu com outro projeto, fui me estimulando com o que foi aparecendo, e, como gosto de política, me interessei muito. O problema político estava solto, para mim.

NA: Academicamente e psicanaliticamente também?

AD: Nos dois sentidos. O problema da relação de cultura letrada e da subjetividade judia a mim convencia a pensar, e me convenci sociologicamente, ainda que não seja a única resposta possível – porém, funciona. E a política me interessava mais pelo ângulo da intervenção no espaço público, para discutir hoje problemas contemporâneos. O tema judeu me interessa menos discutir, não tenho muito o que dizer, só se me solicitam para participar de alguma mesa. Hoje quero falar do livro, da circulação, que políticas públicas deveriam ser desenvolvidas. Eu escrevo, participo de projetos de leis. Participo ainda de programas de ministérios, trato de participar do espaço público e, para fazê-lo, quero reflexão, quero estudar e pensar sistematicamente sobre isso.

NA: E pensa em produzir artigos ou livros sobre essa atuação? Porque acho que é algo que não me recordo de ter visto, que é a possibilidade de um sociólogo da cultura letrada trabalhando e intervindo nas políticas públicas em torno dessas produções culturais. Isso sem perder de vista que esse também é um espaço interessante de investigação ou pelo menos é um olhar privilegiado.

AD: Sim, eu fiz um artigo há cerca de três semanas que tratava da pergunta do Estado, um artigo muito simples, para uma revista que me pediu. Um artigo curto, não muito complexo. Tem sua potência, mas é simples. A sua pergunta é: “onde está o Estado?”. E é um aporte para pensar o lugar do Estado nas políticas públicas no setor do livro e da edição. Precisa uma aproximação crítica. Todos nós tivemos uma trajetória editorial e viemos de um lugar do Estado, e se vamos comparar o Brasil com a Argentina podemos medir uma variável com outra variável e diremos se são questões distintas ou similares desse indicador. E verificamos que as configurações de base são distintas porque o Estado organizou. Hoje, [no] Brasil e [na] Argentina, há questões globais que funcionam igual, práticas internacionais do livro não muito contemporâneas. No fundo, tem que ver dois Estados que, há mais de cem anos, regularam ou não regularam os mercados. E disso derivaram sedimentações de políticas públicas a se perder de vista, porque foram originárias, é visto como natural, como autoevidentes e seguem configurando formas de pensar o livro, valorações, formas de circulação do livro. Assim, é necessária a investigação para recuperar o lugar da política como organizadora de curto ou do longo prazo. Como a cada lei da biblioteca, da educação pública ou a lei de preço fixo do livro ou a lei define mercados. Então se compara uma variação argentina que fundamente isso – é

o caso de uma crise econômica em que [se] compre mais e se leia mais ou menos. Há fundamentos políticos que têm configurado práticas e valorações, isso é o que me interessa. Eu posso pensar melhor isso, que não é uma grande ideia minha, não é nada radicalmente novo isso, é aplicado para muitas áreas, mas não para o livro. Vou pensar a melhor política porque discuto a trajetória dos livros no tempo, não [faço] um trabalho sobre seus casos, mas [sobre] como funcionam...

NA: A lógica de funcionamento e a lógica de pensamento em torno dessa categoria profissional.

AD: Diversos debates em que às vezes participam ou não os autores, que vejo que estão com uma energia vital menor, seguem pensando em um plano puramente sincrônico do que está se passando agora, porque a economia anda mal, então vai passar sempre. Há que entender a estrutura de funcionamento no longo prazo, então vai passar sempre pois todo ano a Argentina entra em crise. Ou pensar de maneira mais sistemática. Escrevi um artigo para um livro, do México, em que comparo as participações da América Latina na Feira do Livro de Frankfurt, como Brasil, Espanha, México, Argentina. Posso mostrar como em algum momento a Espanha e como se explica o franquismo, com todos os males do franquismo, com a censura, criam livro após livro, e tomam um lugar. E eu digo que há uma vitalidade que na Argentina nunca se acumulou. E a política teria sido mais amena, mas após algum momento a ditadura militar rompe. No longo prazo de 70 anos, para mim, é o que facilita perguntar se é melhor para o Estado e pelos efeitos do Estado.

NA: E é muito interessante isso que você estava comentando, eu não podia deixar esquecer que na segunda-feira eu vim e fui participar de uma mesa na UBA [Universidad de Buenos Aires] com a Lucia Tennina e que termina com a Florencia Angilletta e Marilina Winik, que são duas editoras também. E apresentei um pouco da minha pesquisa sobre essas feiras e publicações independentes. Era muito interessante porque algo estava difícil de ser compreendido e que só foi compreendido quando se enunciou que no Brasil não “existe cultura sem intervenção do Estado”. Ela não se sustenta mesmo quando estamos pensando em editores independentes, e muitos trabalham no Sesc [Serviço Social do Comércio], vão dar oficina em espaços de centros culturais. E a ameaça da retirada, como o governo Bolsonaro agora está apontando, pode significar efetivamente uma quebra para cultura nacional. Porque ela nunca foi constituída de modo a ter pouca intervenção do Estado e uma

autossuficiência. Enfim, a gente não sabe se ela nunca conseguiu ou se ela nunca foi projetada para isso. Mas a gente sabe que é a partir dessa intervenção do Estado que você começa a ter livros e literatura e editoras de segmentos que sempre foram marginalizados. Como literatura negra, literatura LGBT, livros que abordem deficiências ou que abordem mulheres. Se não houvesse esses recursos e esses editais particulares, não existiria. O máximo que teríamos seriam panfletos.

AD: O absurdo é que estou convencido [de que] se o Estado não intervém, quem define o curso é o mercado, que pode diferenciar, individualizar, [que] certamente aponta uma rentabilidade mais rápida, de escala etc. E há áreas e nichos que para que funcionem tem que haver uma intervenção política. Há uma sensibilidade de gostos, de interesses, de agendas que exigem tempo, e o mercado não tem paciência nem interesse, porque não há rentabilidade – e não vou criticar o mercado por isso, pois o mercado é assim, digo, a política tinha que operar para equilibrar e gerar outra classe de gostos. Esse mercado tende a reforçar os já existentes e criar nichos novos, porém, não apostam, a não ser microeditoras independentes, mas a hegemonia de um mercado é isso.

NA: Eu acho que a última pergunta que eu te faria conecta com o começo, porque você falou muito também de como Gustavo Sorá foi criando um grupo de orientandos e parceiros, que depois inclusive você citou também. Agora, você [trabalha] também como orientador, construindo também um grupo de orientandos com pesquisas conectadas e expandindo... O que você acha que conseguiu? Assim como você disse o que Gustavo inculcou em você, o que você tenta [fazer] para que eles não deixem de prestar atenção e em que você acha que eles também contribuíram para as suas discussões e seus pontos de vista para a pesquisa sobre cultura?

AD: Gustavo me dava muita autonomia. Levo os meus alunos a pensar sociologicamente, [mas] me falta uma sensibilidade antropológica que Gustavo sempre me transmitiu e eu não tenho tão incorporada como Gustavo. Nós dois criamos vários artigos juntos. Não tenho a sensibilidade incorporada como a dele. Meus alunos são como colegas mais jovens. Ajudo-os a encontrarem o tema e a forma de abordarem, isso também. Os impactos editoriais nos livros, sua execução, sua tradução...

NA: Houve um trabalho recente que você fez com o Gustavo Sorá, não foi? Sobre a circulação de livros e de tradutores.

AD: Sim, trabalhamos, com Gisèle Sapiro. Estive na França um tempo, participamos do projeto de circulação internacional de ideias cujos resultados em breve sairão em artigos e capítulos de livro.

Referências

ARAUJO, Nathanael; DA COSTA, Ana Paula. “Quero encontrar leitores reais, descobrir suas respostas aos livros e suas práticas de leitura”. **Tempo Social**, vol. 31, n. 3, pp. 285-293, 2019.

ARAÚJO, Nathanael; SORÁ, Gustavo. “Um amor, um amor pelos livros que me fez pegar o risco’: diálogos com o antropólogo Gustavo Sorá”. **PROA: Revista de Antropologia e Arte**, vol. 1, n. 9, pp. 253-276, 2019.

DUJOVNE, Miguel Alejandro; OSTROVIESKY, Herber; SORÁ, Gustavo. “La traducción de autores franceses de ciencias sociales y humanidades en la Argentina: Estado y perspectivas actuales de una presencia invariante”. **Bibliodiversity: Journal on Publishing in Globalization**, vol. 3, pp. 20-30, 2014.

DUJOVNE, Alejandro. **Una historia del libro judío**: La cultura judía en la Argentina a través de sus editores, libreros, traductores, imprentas y bibliotecas. Buenos Aires: Siglo XXI, 2014.

SILVA, Nathanael Araujo da. **As pessoas dos livros e os livros das pessoas**: Uma etnografia da produção e circulação de obras LGBTs. Mestrado (Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016.

BRAGANÇA, Aníbal. “Uma introdução à história editorial brasileira”. **Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias**, Vol. XIV, II série, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa (Portugal), 2002, pp. 57-83.

REVEL, Jacques. “Apresentação”. In: REVEL, Jacques (org). **Jogos de escalas**: A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998, pp. 7-14.

HALL, Stuart; HOBSON, Dorothy; LOWE, Andrew e WILLIS, Paul (orgs). **Culture, Media, Language**. Nova York: Routledge, 1980.

HALL, Stuart (org). **Representation**: Cultural Representation and Signifying Practices. Los Angeles: Sage, 1997.